Revista Brasileira de
Terapia Familiar

https://doi.org/10.60114/rbtf.v14.173

ARTIGO ORIGINAL

O Duogramma®: Uma metodologia inovadora para a psicoterapia

Teresa Arcelloni[1], Gloria Ferrero[1,*]

1. Pesquisadoras independentes - Milão, Itália.
*Autora correspondente: info@duogramma.it
Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim
Recebido: 21 Out. 2026 Aceito: 04 Nov. 2026

RESUMO

Neste artigo, apresentamos o Duogramma®, metodologia de orientação sistêmico-relacional concebida pelas autoras. Consiste na narração e representação gráfica das relações de casal vividas, desejadas ou recusadas desde a infância até o presente, com o objetivo de ressignificar a experiência e ampliar as opções de escolha futuras. Em relação ao genograma, o Duogramma® concentra a atenção nos vínculos de casal, por meio da coconstrução de um mapa dinâmico e dialógico entre terapeuta e paciente, desconstruindo as narrativas dominantes e fazendo emergir as premissas e os preconceitos sobre as relações de casal. Trata-se de um instrumento altamente reflexivo, inclusivo e não heteronormativo, que acolhe a complexidade das trajetórias afetivas contemporâneas. O trabalho descreve seus fundamentos teóricos, as regras da representação gráfica, os critérios de aplicação e o potencial transformador na prática clínica. Duogramma® é marca registrada europeia e internacional.

Palavras-chave: Duogramma, Terapia individual, Relação de casal, Terapia sistêmica.

The Duogramma®: An innovative methodology for psychotherapy

ABSTRACT

In this paper, we present the Duogramma®, a systemic-relational methodology developed by the authors. It consists of the narrative and graphic representation of couple relationships experienced, desired, or rejected from childhood to the present, with the aim of re-signifying these experiences and broadening future possibilities for choice. Compared with the genogram, the Duogramma® focuses specifically on couple relationships through the co-construction of a dynamic, dialogical map by therapist and patient. It helps deconstruct dominant narratives and bring to light the assumptions and biases underlying views of couple relationships. As a highly reflexive, inclusive, and non-heteronormative tool, the Duogramma® accommodates the complexity of contemporary affective trajectories. This paper describes its theoretical foundations, the rules governing its graphic representation, its criteria for application, and its transformative potential in clinical practice. Duogramma® is a registered European and international trademark.

Keywords: Duogramma, Individual therapy, Couple relationships, Systemic therapy.

El Duogramma®: Una metodología innovadora para la psicoterapia

RESUMEN

En la contribución presentamos el Duogramma®, metodología de orientación sistémico-relacional ideada por las autoras. Consiste en la narración y representación gráfica de las relaciones de pareja vividas, deseadas o rechazadas desde la infancia hasta hoy, con el objetivo de resignificar la experiencia y ampliar las opciones de elección futuras. Con respeto al genograma, el Duogramma®, centra la atención en los vinculos de pareja, a través de la co-construcción de un mapa dinámico y dialógico entre terapeuta y paciente, deconstruye las narrativas dominantes y hace que surjan las premisas e los prejuicios sobre las relaciones de pareja. Herramienta altamente reflexiva, inclusiva y no heteronormativa, acepta la complejidad de las trayectorias afectivas contemporáneas. El trabajo describe sus fundamentos teóricos, las reglas de la gráfica, los criterios de aplicación y el potencial transformador en la práctica clínica. Duogramma® es una marca registrada europea e internacional.

Palabras clave: Duogramma, Terapia individual, Relación de pareja, Terapia sistémica.

CC BY

INTRODUÇÃO

No panorama da clínica e da formação sistêmico-relacional, a exploração das dinâmicas das relações de casal exige um importante deslocamento epistemológico: superar a visão dos indivíduos isolados para colocar no centro a arquitetura do vínculo. É nesse espaço de interseção que o Duogramma® demonstra sua eficácia. Trata-se de um instrumento nascido da experimentação na formação e da prática clínica, concebido para mapear dinamicamente, na narração e na representação gráfica, as histórias de casal, as recusas e as escolhas ao longo da vida.

Nossa escolha de desenvolver esta metodologia responde a uma necessidade formativa e clínica precisa: dotar o terapeuta de um instrumento rigoroso, mas extremamente flexível, capaz de tornar visível o invisível. Enquanto o genograma explora verticalmente as tramas familiares intergeracionais, o Duogramma® concentra-se no eixo horizontal do sistema de casal, ao longo do tempo de vida da pessoa. Trata-se de uma metodologia inovadora, desenvolvida originalmente para a formação de psicoterapeutas e aplicável de maneira eficaz tanto na psicoterapia individual quanto na de casal. Um instrumento novo, que não se limita a fotografar uma sequência de acontecimentos, mas ganha forma a partir da construção compartilhada entre paciente e terapeuta. Escolhemos a relação de casal como âmbito privilegiado de investigação porque consideramos que ela seja uma dimensão fundamental do desenvolvimento da pessoa, que influencia e define escolhas e comportamentos, a imagem de si, a leitura do mundo e das relações.

Para os terapeutas, o âmbito das relações de casal é uma parte do trabalho clínico em que premissas e preconceitos pessoais entram fortemente em jogo e, portanto, merece reflexão e formação aprofundadas. O risco de sobrepor a própria visão da ideia de casal, de amor ou de regras para viver a dois é muito forte e pode levar o profissional a assumir uma atitude julgadora ou normativa diante dos clientes. Em um mundo onde a geometria das relações de casal se torna cada vez mais complexa, fluida e em constante evolução, todo profissional deve se preparar da melhor maneira para garantir a maior eficácia possível em suas terapias, trabalhando sobre si mesmo e dispondo de instrumentos válidos de apoio ao trabalho de cuidado.

Inserido no panorama da terapia sistêmica contemporânea, o Duogramma® representa uma evolução significativa do paradigma da complexidade: em um momento histórico no qual as configurações de casal se diversificaram e fragmentaram consideravelmente, dispor dessa metodologia permite acessar significados, preconceitos e ideias rígidas, libertando-se das narrativas e descrições imutáveis que definem quem somos e como devemos viver, inclusive nas relações de casal.

No Duogramma®, quando falamos de *relação* de casal, não nos referimos ao casal formado por duas pessoas físicas, mas à ideia de relação de casal, no sentido de que a relação não coincide com as duas pessoas que a compõem, mas com o próprio *vínculo*, entendido como estrutura viva, autônoma e organizada. Retomando o pensamento de Gregory Bateson (1976), a relação possui primazia lógica em relação aos sujeitos que dela participam: ela constitui uma estrutura que conecta, na qual significados, lealdades e pactos implícitos residem no espaço intermediário entre os parceiros, chegando a condicionar o comportamento individual e a sobreviver à própria presença contingente deles.

Apresentar esta metodologia no contexto clínico e acadêmico brasileiro tem, para nós, grande valor do ponto de vista clínico, cultural e também afetivo, porque o Duogramma® tem uma longa história que o vincula ao Brasil, que o acolheu e apreciou desde sua origem. O Brasil possui uma rica tradição sistêmica; levar este instrumento para o outro lado do oceano significa manter uma ponte transcultural de diálogo e intercâmbio que temos desenvolvido com grande empenho e satisfação há muitos anos.

O DUOGRAMMA®: IDENTIDADE ITALIANA E RESSONÂNCIAS LATINO-AMERICANAS

O Duogramma® nasce na Itália com base no trabalho de pesquisa, docência e prática psicoterapêutica realizado pelas autoras ao longo de muitos anos de colaboração profissional, tanto na condução de centenas de coterapias de casal quanto na formação de futuros psicoterapeutas realizada no Centro Milanese di Terapia della Famiglia. É justamente no contexto da formação que esse instrumento inovador ganha vida (Arcelloni & Ferrero, 2008), tendo sido posteriormente aplicado com sucesso também na terapia individual e de casal. A longa experiência que acumulamos nos grupos de formação nos levou a conceber um instrumento para ajudar os psicólogos na reflexão sobre si mesmos e sobre seu próprio ser terapeuta.

A ideia de base da qual partimos é que as experiências de vida de casal que atravessamos ao longo da vida determinam como nos posicionamos diante de nossos pacientes, particularmente quando se trabalha com temas relativos às escolhas de casal, a como se vive a dois, a como se deve ser parceiro, ao que é certo ou errado na vida relacional. Aceitar as escolhas

de vida, quaisquer que sejam, sem julgamento, é uma das principais capacidades que um terapeuta deve desenvolver e exercitar. É um processo sempre ativo, a ser monitorado internamente durante toda a vida profissional; e o Duogramma® representa uma grande oportunidade formativa nesse sentido, pois experimentá-lo em si mesmo ajuda a focar na própria posição, nas ideias e nos preconceitos sobre a vida de casal, o amor, o ser homem ou mulher em uma relação, permitindo tornar-se mais aberto e disponível às diferenças e manter sempre uma posição respeitosa em relação ao outro. O cerne do Duogramma® utilizado na formação de profissionais é fornecer competências para trabalhar com o tema das relações de casal, tanto na terapia individual quanto na de casal (Arcelloni & Rosas, 2024).

Há muitos anos realizamos formações estruturadas sobre o Duogramma® para terapeutas de diferentes países, na Itália e no exterior, porque consideramos fundamental uma preparação específica para o uso desse complexo instrumento. As ressonâncias pessoais que esse instrumento ativa no profissional podem ser poderosas e influenciar de maneira importante o desenvolvimento da metodologia e sua eficácia. Seu uso não pode ser improvisado, mas sim exige prática e experimentação contínuas e refletidas, além da supervisão dos casos clínicos nos quais é utilizado. Por esse motivo, decidimos registrar a marca, o que garante uma utilização ética e coerente com as premissas teóricas e metodológicas sobre as quais a fundamentamos. A marca europeia e internacional, reconhecida às autoras como suas idealizadoras, protege esse instrumento contra usos inadequados que, ao longo dos anos, foram feitos em vários países e contextos, tanto clínicos quanto formativos.

Além da Itália, Suíça e Grécia, levamos o Duogramma® para o outro lado do oceano, onde encontrou grande interesse no Chile (Arcelloni & Ferrero, 2009), Brasil (Arcelloni & Ferrero, 2023), México (Gómez Lamont & Bermúdez, 2023) e Paraguai.

A profunda sensibilidade dos colegas latino-americanos em relação à dimensão corporal, emocional e narrativa da relação permitiu, ao longo dos anos, um intenso intercâmbio profissional que enriqueceu o desenvolvimento de nossa metodologia. Temos certeza de que esse diálogo continuará também no futuro.

O DUOGRAMMA®: UM RECURSO PARA A PSICOTERAPIA E A FORMAÇÃO

Somos formadoras e terapeutas há muitos anos, e o tema de como abordar as relações de casal na terapia individual sempre foi, para nós, um desafio estimulante, que nos levou, ao longo de muitos anos de trabalho conjunto, a longas reflexões e discussões, por meio de um confronto que enriqueceu nossa prática terapêutica e nossa concepção de formação. Desse intercâmbio, nas diferenças que nos caracterizam quanto à formação, pertencimento profissional e estilo pessoal, nasceu o Duogramma®, um método que consiste na narração e na representação gráfica da história das relações de casal que caracterizaram a vida da pessoa, desde a infância até o momento presente em que o relato ganha vida.

Utilizado em terapia, permite abordar de maneira sistemática a história das relações de casal, incluindo aquelas desejadas, mas não vividas e aquelas recusadas, isto é, aquelas nas quais a pessoa que narra escolheu não corresponder ao interesse do outro. Decidimos incluir também as relações não vividas e as recusadas porque o Duogramma® não é um inventário cronológico dos ex-parceiros nem uma investigação anamnéstica sobre as histórias vividas em casal. Trata-se, ao contrário, de um mapa dinâmico dos significados relacionais: um instrumento que não responde à pergunta *com quem você esteve?*, mas investiga *como* você se vinculou, *o que* você desejou e *quais premissas* orientaram sua ideia de casal. Reduzir a metodologia a uma sequência de encontros significaria perder seu alcance clínico e seu potencial transformador, que residem justamente na desconstrução das narrativas dominantes sobre o vínculo afetivo.

O objetivo clínico deste instrumento é favorecer uma releitura crítica e reflexiva da experiência relacional, ampliando a consciência e permitindo a atribuição de novos significados às escolhas realizadas e às vivências afetivas. O pressuposto teórico sobre o qual se fundamenta o Duogramma® reconhece que todas as experiências de casal (as vividas, as desejadas ou as recusadas) contribuem, ao longo do tempo, para estruturar as convicções e os preconceitos de cada indivíduo sobre a ideia do que seja um casal. As premissas que construímos orientam a definição pessoal daquilo que constitui um casal: os papéis e as expectativas recíprocas, as regras explícitas e implícitas, os limites com as famílias de origem, a expressão da sexualidade, a gestão dos recursos econômicos e qualquer outra dimensão compartilhada da vida a dois. Nessa perspectiva, o Duogramma® favorece a explicitação de preconceitos e premissas que, quando rigidamente interiorizados, correm o risco de se transformar em fonte de insatisfação e sofrimento. Concebemos um instrumento que se aplica em três âmbitos distintos: na formação e na psicoterapia individual e de casal.

No âmbito formativo, o Duogramma® representa um instrumento de importância primordial para permitir ao terapeuta desenvolver maior consciência em relação à sua posição pessoal e conceitual (Cecchin et al., 1994) sobre o tema das relações de casal e adquirir novas competências clínicas, que não se esgotam no simples domínio técnico de um instrumento, mas residem na capacidade de administrar a complexidade da relação terapêutica como processo coconstruído e interativo. O

CC BY

trabalho terapêutico exige a capacidade de conectar constantemente teoria e prática, saber ler as próprias ressonâncias e modular a intervenção de maneira flexível e ética em relação às necessidades específicas do paciente e da relação terapêutica (Fruggeri, 2020). O mapa dinâmico traçado pelo Duogramma® permite ao clínico que o experimenta em si mesmo desenvolver uma atitude não normativa e não julgadora em relação ao outro, potencializando a capacidade de acolher com abertura as múltiplas escolhas de vida e os diferentes modelos relacionais trazidos pelos pacientes à terapia. A utilização do Duogramma® solicita continuamente ao terapeuta que se questione sobre suas próprias grades interpretativas, seus preconceitos e as ressonâncias emocionais ligadas à sua própria história de casal.

Na atividade de formação de psicoterapeutas, o valor do Duogramma® se concretiza na ativação de um elevado nível de reflexividade sobre o próprio agir profissional na clínica e sobre as premissas do próprio observador (Schön, 1993). Já na psicoterapia individual, ilumina com novos significados os comportamentos, os padrões interativos e os acontecimentos da história das relações do paciente. Reler as dinâmicas presentes e passadas em uma moldura narrativa compartilhada permite, de fato, libertar a história do sujeito de significados rígidos, abrindo novas possibilidades e cenários evolutivos para o futuro. Na terapia, por sua vez, o Duogramma® emerge no encontro interpessoal entre o terapeuta e a pessoa que o propõe, de uma maneira que se expressa a cada vez de forma única e irrepetível. Não se trata de um teste ou de um exercício padronizado, tampouco de uma representação objetiva da realidade: é um instrumento de liberdade, rigorosamente orientado por limites metodológicos e gráficos precisos.

Por fim, na psicoterapia de casal, o uso do Duogramma® expressa sua máxima complexidade teórico-metodológica e introduz uma novidade significativa, redefinindo as próprias coordenadas do *setting* clínico. A singularidade operacional dessa metodologia, no contexto da terapia de casal, reside no fato de que a narração e a construção gráfica ocorrem no interior de sessões conjuntas, nas quais ambos os parceiros estão presentes e cada um conta, por sua vez, de maneira individual e independente, sua história de relações. Trata-se de um desafio à ideia de que, se os parceiros trabalhassem sobre sua história pessoal no mesmo espaço e tempo terapêutico, poderiam desencadear conflitos insanáveis e destrutivos, ciúmes e medos capazes de comprometer a terapia e a própria sobrevivência da relação. As evidências provenientes da prática clínica demonstram a eficácia transformadora dessa escolha operacional, graças à definição de um contexto seguro, a uma boa aliança terapêutica e, também, ao apoio do instrumento gráfico, que funciona como uma verdadeira fronteira de contenção, delimitando um território simbólico e afetivo protegido. O uso do Duogramma® na terapia de casal também tem valor por sua capacidade singular de ativar um confronto dialético e representar graficamente a trama das relações afetivas, emocionais e sexuais (em suas diferentes modalidades de vínculos vividos, desejados ou recusados) na presença do outro, permitindo superar a rigidez do registro exclusivamente verbal e desvinculando-se da imposição de uma única narrativa homogeneizante.

No Duogramma® há espaço para todas as relações, todas as escolhas, todas as possibilidades nas quais cada pessoa pode decidir e desejar viver a experiência de casal. Entre as escolhas possíveis estão também aquelas relativas à orientação sexual e à expressão da própria identidade de gênero (Liccione, 2023). O método reconhece e legitima a complexidade das trajetórias afetivas individuais, oferecendo um espaço inclusivo para expressar e representar as formas de relação (Gómez Lamont & Bermúdez, 2023). Relações consensualmente não monogâmicas e poliamorosas (Lomelí Aquino, 2025; Vassallo, 2022), histórias de fidelidade absoluta ou de traições silenciadas, relações com e sem filhos, histórias de sexo ou sem desejo, marcadas por interações violentas ou por conflitos, vínculos nascidos por conveniência ou por amor. Todas as experiências têm um espaço para existir e emergir com igual dignidade.

Quando experimentamos a aplicação clínica do Duogramma® em psicoterapia, partimos do pressuposto teórico de que a narração da história das relações de casal não é uma sequência cronológica de acontecimentos, mas uma complexa trama de significados renegociados ao longo do tempo de maneira dinâmica (Bruner, 1992). Cada experiência de casal, vivida, desejada ou recusada, carrega em si as marcas das relações anteriores, a memória das experiências vividas, as fantasias daquilo que poderia ter sido e, simultaneamente, antecipa aquilo que poderá acontecer, em um diálogo recursivo contínuo entre passado, presente e futuro. O relato, no presente, daquilo que aconteceu modifica o passado e ilumina o futuro com novas possibilidades. Em uma perspectiva relacional, compreender a história da pessoa que pede ajuda significa explorar os modos pelos quais os acontecimentos são significados, lembrados e ressignificados no contexto terapêutico. Esse processo ocorre por meio de uma leitura complexa que não busca a verdade objetiva ou uma sequência cronológica de acontecimentos, mas pretende descobrir o sentido atribuído pelo sujeito aos acontecimentos de sua vida.

Nesse cenário, o Duogramma® permite observar o sistema das relações afetivas em sua natureza dinâmica e complexa, tornando visíveis as conexões, as continuidades e as descontinuidades que atravessam todo o arco da vida do indivíduo. Por meio da construção compartilhada do Duogramma®, o terapeuta conduz a pessoa em um percurso de narração e renarração sempre único e diferente, determinado pelo encontro em um contexto específico de tempo e espaço. A história ganha

vida no aqui e agora da sessão: um tempo preciso e um espaço relacional compartilhado que determinam seu surgimento, tornando o ato narrativo irrepetível e nunca idêntico a si mesmo.

É reconhecido que os seres humanos estruturam sua identidade, interpretam as experiências e comunicam sua realidade por meio de formas narrativas: o relato não é uma simples descrição daquilo que acontece, mas o modo constitutivo pelo qual a própria realidade é criada. Modificar a narrativa de si equivale, portanto, a mudar a compreensão da própria experiência (Bruner, 1992), reler os próprios comportamentos e os dos outros e atribuir novos significados emocionais. O trabalho clínico realizado por meio do Duogramma® desestrutura as histórias dominantes e imutáveis que geram sofrimento, favorecendo o surgimento de histórias alternativas, mais geradoras de recursos e de novas possibilidades explicativas (White & Epston 1992). O Duogramma® desloca o olhar da busca por uma suposta verdade objetiva para a compreensão dos processos pelos quais os sujeitos atribuem sentido à experiência de casal ao longo do tempo, focalizando não apenas no que aconteceu, mas, sobretudo, no *como* o que aconteceu é relatado (Boscolo & Bertrando, 1993).

De acordo com a perspectiva socioconstrucionista (McNamee & Gergen, 1998), consideramos que a história que contamos sobre nós mesmos nunca seja um produto individual: ela é, antes, o precipitado de conversas, práticas discursivas e significados compartilhados na matriz social e cultural. O significado da experiência não reside intrinsecamente no indivíduo, mas se gera na relação e na linguagem (Gergen, 1994). Da mesma forma, a descrição dos problemas também toma forma no sistema linguístico no qual essas dificuldades vivenciadas ganham vida: é na terapia, entendida como um processo essencialmente conversacional, que problemas e dificuldades podem ser ressignificados, transformados e reescritos (Anderson, 1997). Daí a ideia de que o terapeuta não *descobre* a história real do paciente, a verdade, mas participa, por meio de sua atuação e de suas perguntas, da construção de narrativas alternativas, orientadas a ampliar as opções de escolha, a autonomia e a compreensão de si.

É nesse horizonte metodológico que o Duogramma® expressa sua eficácia clínica. Ele não se limita a fotografar o conjunto das relações de casal de uma pessoa (vividas, recusadas ou desejadas), mas favorece uma narração dialógica, moldada pela conversa terapêutica, pelas relações significativas e premissas culturais do contexto de pertencimento do paciente e do terapeuta. O surgimento de novos significados e novas possibilidades de narrar a própria experiência de vida ocorre, portanto, no encontro entre a cultura e os preconceitos do profissional e do paciente, estimulado pela narração e pelo questionamento sistêmico (Cecchin et al., 1997). No Duogramma®, importa o passado tal como é narrado e renegociado no presente: o alcance transformador desse instrumento reside na capacidade de gerar novas conversas em torno das experiências relacionais de casal, por meio da mudança das histórias que as pessoas podem contar a si mesmas e aos outros.

ALÉM DO GENOGRAMA

Na clínica sistêmica, a investigação da família de origem, a exploração dos vínculos e das vicissitudes da história familiar respondem à necessidade de desconstruir as descrições estereotipadas e totalizantes que o indivíduo amadureceu ao longo do tempo. O uso do genograma em terapia (Danure & Borcsa, 2022) permite desenvolver consciência sobre a influência da própria família na história pessoal. O genograma é uma metodologia muito utilizada também na formação de psicoterapeutas para refletir sobre seu posicionamento clínico (Bowen, 1972; Byng-Hall, 1985; Liddle et al., 1988; Lieberman, 1979), como instrumento fundamental para evidenciar a posição do profissional no jogo familiar (Andolfi, 1995; Sorrentino, 1995) e para conectar suas premissas familiares com sua atuação profissional (Cecchin, 1992 como citado em Formenti, 1995).

Além da história familiar, consideramos que também a experiência das relações de casal de cada pessoa, vivenciada ao longo da existência, contribua para determinar as escolhas realizadas e a leitura da própria existência. A escolha de um parceiro não deriva unicamente da vivência familiar ou dos modelos de casal que conhecemos ou nos quais crescemos; não é apenas o resultado de um percurso decisório feito por semelhança ou diferença em relação ao passado. Para todo terapeuta, a experiência das relações de casal que leva para a sala de terapia é parte integrante do processo clínico e se manifesta na interação terapêutica, com características como idade, gênero, aparência, origem e estilo pessoal. São aspectos implícitos, muitas vezes não verbalizados, que não constituem o objeto direto da terapia, mas que devem ser levados em consideração por sua participação inevitável na construção do contexto terapêutico e da relação de ajuda.

O nome que escolhemos para nossa metodologia é um neologismo, pensado em analogia com o genograma: o *Duogramma®*, assim como o genograma, dirige a atenção às relações, mas coloca em segundo plano a ideia de que os laços de sangue sejam os únicos importantes na história do terapeuta, deslocando o foco das relações de sangue para as relações

CC BY

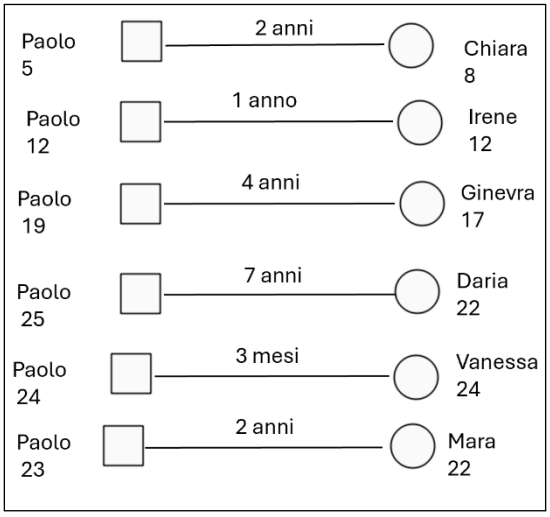
de casal da própria vida. Com o termo Duogramma®, entendemos a representação gráfica e a narração das histórias de casal de um indivíduo ao longo do arco da vida; ele compreende as relações sentimentais desde a primeira infância, as da adolescência e da idade adulta, incluindo também os vínculos desejados, fantasiados e nunca concretizados, além daqueles recusados. *Duo* porque o casal é o coração da reflexão desse método; *gramma* indica a marca que cada história deixa dentro de si e que influencia as escolhas da vida e as ideias sobre as relações que nos acompanham ao longo do tempo.

As histórias de casal desejadas e imaginadas, as paixões e paixonites de quando somos crianças são experiências de relação e, ainda que possam não apresentar o caráter dramático de um luto familiar, de um divórcio ou da perda repentina de um parceiro, em uma visão sistêmica e relacional possuem peso e valor de igual dignidade. Também a lembrança de uma rejeição sofrida quando muito jovem veicula significados e ressonâncias emocionais que contribuem, ao longo do tempo, para a estruturação de ideias e premissas sobre o vínculo de casal. Essas experiências determinarão as futuras escolhas afetivas e a construção da própria identidade como indivíduo e como parceiro.

O Duogramma® é a representação subjetiva das vicissitudes de casal; diferentemente do genograma, porém, concentra-se no arco temporal da vida do sujeito que narra, acompanhando seu desenvolvimento evolutivo (Walsh, 1993), sem considerar o eixo multigeracional, como ocorre no genograma (McGoldrick & Gerson, 1985). A sucessão temporal do relato não prevê uma cronologia linear rígida, permitindo ao sujeito seguir o fluxo da memória, as sugestões, as lembranças repentinas e imprevistas que o próprio ato de narrar e as perguntas do terapeuta suscitam. Assim, quem narra pode transitar pelo tempo, inserindo novas histórias, retrocedendo ou, ao contrário, dando um salto à frente, organizando as lembranças conforme considere significativo. O terapeuta também utilizará esses elementos para propor uma reflexão sobre as escolhas e os acontecimentos, contribuindo para a construção de novas visões e novos significados. A articulação temporal do processo ativado pelo Duogramma® estrutura-se segundo uma lógica recursiva (Boscolo & Bertrando, 1993): o modo como o sujeito evoca e ressignifica sua memória histórica orienta a decodificação do presente e modela as antecipações sobre o futuro. Em uma retroação constante, a construção de cenários futuros inéditos retroage sobre o passado, reconfigurando sua lembrança e reorientando a ação no presente.

Do ponto de vista da representação gráfica, o Duogramma® difere significativamente da estrutura em árvore genealógica típica do genograma: no primeiro, os vínculos são representados desvinculados uns dos outros, e o narrador pode escolher como ordenar suas histórias no tempo, mesmo sem seguir uma ordem cronológica no eixo passado-presente. Cada vínculo é representado com os símbolos normalmente utilizados para o genograma: um círculo para as mulheres e um quadrado para os homens, unidos por uma linha contínua; cada pessoa pode, naturalmente, utilizar a simbologia inclusiva que melhor expresse a identidade de gênero e a orientação sexual com a qual prefere se representar. Não podem ser utilizados outros símbolos, como corações, flores ou qualquer outro tipo de objeto, animal etc. Para cada relação, são indicados a duração, os nomes das pessoas e sua idade no momento em que a história teve início. O espaço em branco da folha, no qual ganham vida as vicissitudes relacionais, representa o espaço relacional em que essas vicissitudes acontecem, e cada pessoa pode utilizá-lo como considerar significativo. O terapeuta que conduz o trabalho, portanto, não dará indicações sobre onde desenhar, em qual sequência, com quais dimensões etc.

Apresentamos, a título de exemplo, na Fig. 1, a representação do Duogramma® de Paolo.



Fonte: Arquivo clínico das autoras [Material não publicado].

Figura 1. O Duogramma® de Paolo.

A representação gráfica constitui outro elemento a ser considerado para enriquecer o processo de formulação de hipóteses e de ressignificação. Não pretendemos, porém, realizar uma interpretação simbólica da grafia ou dos espaços utilizados, mas queremos dar sentido às escolhas feitas por quem apresenta seu Duogramma®. Questionar-se, por exemplo, sobre o significado de ter indicado primeiro um parceiro em vez de outro, ou de ter escolhido distanciar uma relação das demais, pode permitir reconhecer novos valores e significados nessas relações. Não se trata de uma interpretação ou explicação do terapeuta: será sempre quem narra, estimulado pelo condutor, a escolher qual significado atribuir ao componente gráfico.

O Duogramma® diferencia-se do genograma também por outra característica importante: enquanto este último evidencia os vínculos de sangue, as uniões, as descendências e as pessoas que constituem aquele sistema familiar do qual cada um de nós passa a fazer parte por nascimento, o primeiro coloca o indivíduo diante da responsabilidade por suas escolhas. Se é verdade que não escolhemos de quem ser filhos, escolhemos, porém, com quem decidimos formar um casal. A narração e a representação gráfica das vicissitudes sentimentais colocam em destaque, às vezes com transparência contundente, as motivações e consequências das decisões que determinaram a sucessão ou a ausência de parceiros em nossa vida, o tipo de pessoa que quisemos ter por perto, quem deixamos, quem recusamos e por que não o quisemos. A potência dessa metodologia reside também nessa capacidade de iluminar a responsabilidade individual e o fato de que toda a vida relacional é fruto de uma escolha individual com a qual cada um deve se confrontar.

Consideramos tanto o Duogramma® quanto o genograma muito mais do que duas simples técnicas de investigação: são duas metodologias reflexivas, altamente complexas, destinadas a fazer emergir os preconceitos e evidenciar papéis e posições nos sistemas relacionais. Situações de casal em um caso, familiares no outro. Em conclusão, de maneira análoga ao genograma, o Duogramma® não pretende detectar a realidade objetiva do sistema de casal, mas analisar um processo narrativo em constante evolução. Como instrumento essencialmente interativo e dialógico, o Duogramma® gera narrativas sempre novas em função do contexto, do momento evolutivo e da relação terapêutica na qual é coconstruído.

O DUOGRAMMA® NA TERAPIA INDIVIDUAL

Nesta moldura ética e metodológica, vejamos agora como se realiza operacionalmente um Duogramma® em uma psicoterapia individual, âmbito no qual se apresenta como método estruturado, caracterizado por um *setting* definido, um tempo dedicado e uma representação gráfica específica. Todo o processo que se constrói por meio desse trabalho é orientado a estimular a reflexão sobre as premissas e os preconceitos, sobre as atribuições de papel e sobre as teorias pessoais que orientam a ideia de amor e de vida a dois.

A introdução do Duogramma® no percurso clínico responde a uma escolha clínica precisa, e não a um ato casual do terapeuta: propô-lo em sessão significa convidar o paciente a reler sua própria história relacional por meio de uma perspectiva inédita, fundamentada em um trabalho minucioso que requer tempo, cuidado e intensa colaboração recíproca. O bom êxito do trabalho e sua eficácia dependem em grande medida da capacidade do terapeuta de avaliar o melhor *timing* clínico para utilizá-lo, de sua preparação técnica específica sobre o método e da solidez do vínculo terapêutico. O Duogramma® é parte integrante da terapia, só encontra sentido no processo terapêutico no qual ganha forma, é influenciado por ele e, por sua vez, o influencia. O motivo para propô-lo está relacionado à demanda de ajuda apresentada, aos temas da terapia e ao contexto emocional vigente.

É importante especificar que, embora se concentre nos vínculos de casal, esse instrumento não é utilizado unicamente nas situações em que a pessoa apresenta dificuldades nesse âmbito da vida ou em uma relação específica. Sua força está também em sua versatilidade: de fato, revela-se muito útil para ampliar o olhar sobre aspectos da experiência pessoal que às vezes parecem inexplicáveis e imutáveis, abrindo uma perspectiva mais ampla sobre os contextos nos quais os acontecimentos se realizam. Também a releitura relacional de uma sintomatologia pode encontrar novo impulso quando observada em seu existir, nascer, mudar ou desaparecer em uma ou mais relações de casal, ao longo do tempo. Dificuldades como ansiedade, ataques de pânico e momentos depressivos podem manifestar-se de maneiras diferentes ao longo da vida, e essa evolução também pode ser abordada em conexão com as experiências de relação de casal. Pode acontecer, de fato, que com determinado parceiro uma problemática nunca se manifeste, enquanto com outros sim, ou de maneiras diferentes. Da mesma forma, podem surgir grandes diferenças na sintomatologia nos períodos, por exemplo, em que a pessoa não tem nenhuma relação afetiva ou desejaria uma relação, mas sem conseguir concretizá-la. Conectar os contextos e ler um sintoma sob a ótica dos significados relacionais, em sua evolução temporal, pode oferecer ao terapeuta novas opções e chaves de leitura e abrir caminho para a mudança.

CC BY

Escolher o momento oportuno para utilizar o Duogramma® requer a avaliação de diversos fatores interconectados. Em primeiro lugar, é preciso considerar a continuidade temporal: como sua aplicação frequentemente exige mais de um encontro, é oportuno evitar iniciá-lo próximo a pausas de verão, viagens de trabalho ou interrupções da atividade clínica, para não correr o risco de deixá-lo incompleto. Da mesma forma, é fundamental monitorar os acontecimentos contingentes na vida do paciente: se a pessoa estiver atravessando um momento de forte urgência emocional, dedicar várias sessões ao Duogramma® pode ser percebido como inadequado ou como falta de atenção em relação às necessidades apresentadas.

O tempo necessário para construir um Duogramma® depende do tempo de que o paciente necessita para narrar todas as histórias que deseja; não é estabelecido previamente e não é previsível: pode ser suficiente uma sessão de terapia, assim como podem ser necessárias três; dura enquanto houver histórias a contar e perguntas a fazer. Ao planejar a proposta de um Duogramma®, o terapeuta também é chamado a refletir sobre seu próprio posicionamento emocional, avaliando seu momento de vida pessoal e as ressonâncias internas que os temas suscitados pelo instrumento poderiam ativar, a fim de garantir a competência e o domínio necessários para a condução da relação.

A proposta do Duogramma® nunca assume a forma de uma imposição, mas de uma proposta aberta que é avaliada conjuntamente, na relação. Uma vez explicado o sentido da intervenção que o terapeuta pretende propor, é indispensável dedicar o espaço adequado à exploração das dúvidas, dos medos e das hesitações do paciente. Mesmo diante de uma adesão imediata e entusiasmada, é fundamental aprofundar as motivações e as expectativas do paciente. A proposta de uma metodologia constitui, de fato, um ato comunicativo em si: tanto o acolhimento quanto a eventual recusa do trabalho oferecem informações importantes para a terapia e para a relação terapêutica, que devem ser recolocadas no espaço da conversa. O objetivo do clínico não é convencer o outro a aderir à proposta, mas criar um contexto compartilhado de significados para trabalhar da melhor maneira possível. A proposta do terapeuta deve ser lida como metacomunicação, que gera um feedback importante, independentemente do resultado obtido.

Ao longo de um percurso clínico, não existe um momento absolutamente certo para propor um Duogramma®; deliberadamente, não construímos um protocolo rígido que diga quando seria melhor introduzi-lo. Essa escolha é fruto da sensibilidade do terapeuta e emerge do contexto terapêutico, de modo único para cada terapia. Cada relação terapêutica se desenvolve, de fato, de maneira especial e imprevisível, tornando inaplicável qualquer regra excessivamente rígida. Durante as atividades de formação em Duogramma® que realizamos, surge frequentemente entre os colegas a dúvida sobre se seria preferível propor esse instrumento no início do trabalho ou após um número elevado de encontros. Somente o terapeuta, desde que adequadamente formado, pode avaliar as motivações, o significado e o momento mais adequado para cada contexto específico. A única recomendação fundamental que acreditamos ser útil destacar a esse respeito é evitar a proposta nas fases muito iniciais do percurso: isso porque o Duogramma® não nasce como instrumento de anamnese nem como simples entrevista de conhecimento, e utilizá-lo nos primeiros momentos da terapia poderia levar o terapeuta a correr o risco de empregá-lo nesse sentido. Ao contrário, reservar-lhe o espaço adequado quando já se possui conhecimento suficiente da pessoa e de sua história permite propô-lo com um sentido profundo, garantindo sua máxima eficácia e desenvolvendo plenamente suas potencialidades clínicas.

Quando o terapeuta propõe o Duogramma®, deve fazê-lo com segurança e convicção, mostrando plena disponibilidade para elucidar dúvidas e questionamentos da pessoa. A introdução de uma metodologia tão complexa nunca deve representar uma escolha de recurso diante de uma fase de impasse, de uma falta de assunto ou de um simples expediente prático pensado para reanimar a sessão ou a terapia, mas ser uma escolha clínica consciente.

Uma vez feita a proposta e acordado que se entrará conjuntamente no relato das histórias das relações de casal, o terapeuta explica cuidadosamente os detalhes do procedimento, partindo da seguinte instrução: "Conte suas relações de casal, desde quando era criança até hoje, inclusive aquelas desejadas, que não se concretizaram, e aquelas que você recusou. Desenhe-as na folha, uma de cada vez, na ordem que preferir" – e especifica que se procede com o desenho e o relato de uma relação por vez. Na estruturação do trabalho de representação gráfica e narração, não se desenham imediatamente todas as relações; a passagem à relação seguinte ocorrerá somente depois de concluída a narração da anterior e quando o terapeuta não tiver mais perguntas a fazer e o paciente também não tiver mais nada a acrescentar. O terapeuta certifica-se de que a instrução tenha sido bem compreendida, repetindo-a, se necessário, várias vezes; indica as regras fundamentais da representação gráfica a serem observadas; o uso dos símbolos, da folha e dos espaços; o uso do tempo e as fases do processo. Entrega a folha na qual serão representadas as histórias, certificando-se de conseguir acompanhar bem o desenvolvimento do desenho à medida que ele avança.

O paciente escolhe a ordem em que representará sua história; o terapeuta escuta e orienta o relato por meio de suas perguntas, pois as perguntas nunca são neutras, mas definem o campo semântico da resposta (Canetti, 1981), podendo sugerir implicitamente aquilo que deve ou não ser aprofundado, aquilo que é certo ou errado.

O objetivo terapêutico é gerar transformações nas tramas narrativas, tornando-as mais flexíveis e abertas à mudança (Sluzki, 1991). Nesse sentido, as perguntas introduzem perturbações que abrem para a descoberta e para o novo (Fruggeri, 2020). Cada pergunta veicula uma intenção precisa (Tomm, 1988) e exerce poder sobre a narração do outro, sobre a história que ele decidirá silenciar ou contar.

O terapeuta incentiva a narração explorando acontecimentos, emoções, detalhes da vida do casal, desejos, fantasias e recursos; aborda o tema da sexualidade, do conflito e das relações com as famílias de origem e com os parceiros; investiga temas econômicos e qualquer outro aspecto relevante, guiado por sua criatividade e curiosidade (Cecchin, 1987). Por meio de suas perguntas, compara as histórias ao longo do tempo, para fazer emergir diferenças, semelhanças, padrões recorrentes, hábitos consolidados ou novidades impensadas, tudo com o objetivo de abrir novos cenários de significado e modificar a narrativa de si.

Nesse processo, também o não perguntar tem um impacto profundo: uma omissão pode sinalizar medo, timidez, desaprovação ou o desejo de evitar assuntos complexos. Para o paciente, não receber determinadas perguntas também pode traduzir-se em sentir-se incompreendido, julgado ou considerado frágil. Cada escolha, expressa ou silenciada, adquire um significado preciso na relação terapêutica, determinando a construção de uma narrativa compartilhada, fruto do encontro entre duas pessoas, entre histórias de vida e culturas.

Dada a natureza processual do Duogramma®, é fundamental lembrar que ele só pode ganhar vida no encontro entre paciente e terapeuta: não é possível desenhar em casa, em uma folha, uma sequência de relações e depois falar sobre ela em sessão. Por isso, se a realização exigir mais de uma sessão, a folha permanecerá com o terapeuta entre um encontro e o seguinte, e a narração será retomada do ponto em que foi interrompida na ocasião anterior.

Concluída a fase narrativa e de investigação das experiências de relação, o trabalho com o Duogramma® prossegue com um espaço fundamental dedicado à reflexão compartilhada, que se concentra na análise das ideias e dos preconceitos emergidos no relato e que orientam a visão de casal: dos significados atribuídos aos papéis de gênero às ideias sobre os vínculos com as famílias de origem; a gestão do poder, do dinheiro; as regras sobre fidelidade, sexualidade, parentalidade e projetos de vida. O terapeuta conduz e estimula essa fase, evidenciando recorrências, saltos evolutivos e diferenças ao longo do tempo, oferecendo ao paciente novas lentes para reler escolhas, renúncias e dinâmicas que emergiram. A visão diacrônica do desenvolvimento dessas ideias é crucial, em uma visão narrativa da terapia, para desconstruir convicções e tabus, poder observar a si mesmo com novos olhos e ativar recursos para o futuro (White & Epston, 1992).

O processo se encerra devolvendo a palavra ao paciente que narrou, para uma metarreflexão sobre a própria experiência vivida durante a construção do Duogramma®: as emoções que suscitou, os novos pensamentos que ativou e as expectativas confirmadas ou frustradas. Todos esses elementos tornam-se material clínico precioso a ser recolocado em circulação no *setting* terapêutico no decorrer do trabalho clínico.

Integrado ao processo da terapia individual, o Duogramma® atua como um poderoso instrumento de abertura e reflexividade. A grande quantidade de informações que emerge continua a gerar, mesmo depois do término do trabalho, possibilidades de encontrar sentido muito além do momento da condução do método. Na prática clínica, essa metodologia surpreende pela capacidade de fazer aflorar vivências e nós relacionais completamente inéditos, inclusive com pacientes acompanhados há bastante tempo, justamente graças a uma estrutura metodológica e gráfica rigorosa que define uma moldura de escuta protegida, não julgadora e autenticamente relacional.

SOBRE O DUOGRAMMA® DE BARBARA

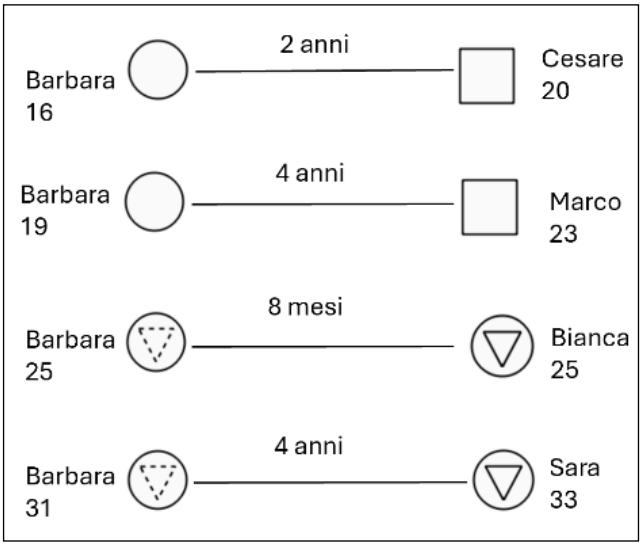
Apresentamos, a título de exemplo, a representação e algumas reflexões a partir do Duogramma® de Barbara (nome fictício), uma jovem mulher em terapia individual. O Duogramma® foi proposto a ela em uma fase avançada da terapia, com o objetivo de aprofundar e reler as dificuldades apresentadas na relação com Sara, também à luz das histórias anteriores. A proposta de realizar esse trabalho nasceu da necessidade de ampliar o olhar sobre algumas atitudes adotadas na relação que ela própria percebia como repetitivas em relação a vínculos anteriores; ao mesmo tempo, reconhecia aspectos de grande novidade em seu modo de estar em casal aos quais não conseguia atribuir sentido. A terapeuta avaliou, então, que o Duogramma® poderia ser o instrumento adequado para reler o passado das relações à luz do presente e, simultaneamente, encontrar novas formas de estar hoje em casal graças à reflexão sobre as experiências já vividas. A construção e a narração do trabalho exigiram três encontros de terapia; o desenho (reconstruído aqui em formato digital, mas fiel ao original) evidencia alguns aspectos interessantes do uso das normas gráficas que fizeram parte das reflexões apresentadas e contribuíram para a formulação de hipóteses e novas leituras.

CC BY

Fica nítido como, graças à possibilidade de utilizar a simbologia inclusiva, quem narra pode escolher como se definir ao longo do tempo, evidenciando ou não sua orientação sexual e identidade de gênero. Isso fornece elementos úteis de reflexão para o clínico, mas também para a própria pessoa, que pode observar, preto no branco, a evolução de seu modo de estar em casal e atribuir sentido àquilo que aparece no papel. No caso de Barbara, ter se representado de maneira diferente no desenho (primeiro como mulher e depois como mulher bissexual) evidenciou uma profunda mudança em relação à ideia de que uma relação deveria necessariamente ser heterossexual; essa mudança em sua concepção pessoal ajudou a evidenciar semelhanças e diferenças nas relações antes e depois, permitindo fazer emergir novos significados relativos ao papel que ela desempenha no casal e trazer à tona as regras da relação que são importantes para ela hoje.

Outro aspecto aprofundado nesse caso específico, e que a representação gráfica (Fig. 2) tornou imediatamente evidente, diz respeito à ausência de relações antes dos 16 anos. A terapeuta investigou isso profundamente, não para descobrir uma realidade diferente daquela evidenciada pelo desenho, mas para compreender o sentido da escolha feita. De fato, no Duogramma® é importante compreender com base em qual premissa relacional a pessoa escolhe o que dizer ou omitir: cada um tem o direito de inserir no seu Duogramma® as relações que considera pertinentes; quem conduz não deve julgar ou forçar essa escolha de maneira alguma, mas trata-se de uma informação útil para compreender o que a pessoa considera essencial para definir a ideia de casal ou o que pensa ser relevante para falar ou não de uma relação (a duração? O desfecho? A assinatura de um contrato? A presença de filhos?). Barbara escolheu falar apenas das relações nas quais existia um acordo explícito sobre o fato de *estarem juntos(as)*, de serem um casal, de terem algo exclusivo. Compreender esse ponto, tão importante para ela, permitiu abrir muitas reflexões sobre sua relação atual com Sara.

A representação gráfica é, portanto, um elemento poderoso do Duogramma®; por isso, para nós, é fundamental respeitar as regras definidas pelo método. Todavia, ela certamente não esgota a complexidade dessa metodologia, que se completa com uma rica e fecunda fase de análise e formulação de hipóteses.



Fonte: Arquivo clínico das autoras [Material não publicado].

Figura 2. O Duogramma® de Barbara.

CONCLUSÕES

A introdução do Duogramma® na psicoterapia individual responde à vontade de dotar a clínica de um instrumento rigoroso, inclusivo e aberto às geometrias relacionais atuais, cada vez mais fluidas e complexas. O Duogramma® oferece uma lente de observação inovadora sobre as vicissitudes afetivas do indivíduo, atribuindo igual dignidade a todas as experiências de casal: das paixonites infantis aos vínculos conjugais, e não conjugais, da vida adulta; das relações de uma noite às histórias unicamente desejadas e às recusadas; das relações não monogâmicas às homossexuais. Todas as histórias encontram espaço no relato e todas têm o direito de existir enquanto escolhas realizadas pela pessoa.

O alcance transformador desse método reside no processo conversacional e dialógico que ele ativa no aqui e agora do encontro terapêutico. Por meio de uma instrução objetiva, de uma representação gráfica específica, de uma condução atenta aos aspectos verbais e não verbais da linguagem e ao posicionamento teórico do profissional, o Duogramma®

permite desconstruir as premissas rígidas, os tabus e os preconceitos que o paciente interiorizou sobre os papéis de gênero, a sexualidade, o poder, o dinheiro, a fidelidade e, de modo geral, sobre a própria ideia de vínculo de casal.

Utilizado na psicoterapia, sustentado por uma sólida aliança terapêutica e em um espaço livre de julgamento, o Duogramma® revela-se um recurso de extraordinária eficácia, permitindo fazer aflorar nós emocionais e vivências inéditas, gerar novos significados, conexões e possibilidades evolutivas. O Duogramma® desencadeia um processo reflexivo que produz seu efeito benéfico muito além do momento da realização prática da própria técnica, devolvendo ao paciente a liberdade de reescrever a própria história e de imaginar cenários futuros orientados para maior bem-estar e mudança.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Contribuições científicas e intelectuais substantivas para o estudo: Arcelloni, T.; Ferrero, G. **Concepção e desenho:** Arcelloni, T.; Ferrero, G. **Análise e interpretação dos dados:** Arcelloni, T.; Ferrero, G. **Aprovação final:** Arcelloni, T.; Ferrero, G.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Foram utilizadas as ferramentas de inteligência artificial Gemini e ChatGPT de forma limitada para apoiar a revisão gramatical do texto e a identificação inicial de referências bibliográficas relevantes. Todas as fontes sugeridas foram verificadas e analisadas criticamente pelas autoras. O conteúdo final e a redação do manuscrito são de responsabilidade das autoras.

AGRADECIMENTOS

Um sincero agradecimento à Ana Cristina Barros Fróes, por seu apoio sempre afetuoso e por sua excepcional competência profissional. Sua leitura atenta, sua rigorosa revisão e suas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento deste artigo. Expressamos nossa profunda gratidão pelo modo como ela sempre valorizou o Duogramma® e o nosso trabalho, oferecendo um suporte técnico e humano inestimável. Gratidão à Daniela Bertoncello, que, generosamente, colocou à nossa disposição sua competência profissional e seu tempo para a leitura e o refinamento do texto. Nosso muito obrigado também à tradutora Isa Carvalho, por seu trabalho preciso, competente e confiável. A colaboração de Ana Cristina e Daniela, como psicoterapeutas, oferece uma garantia adicional de adequação sob a perspectiva clínica e da terminologia sistêmica. Por fim, agradecemos a todos os colegas e às colegas brasileiras por sua calorosa acolhida ao nosso Duogramma®.

REFERÊNCIAS

Anderson, H. (1997). *Conversation, language, and possibilities: a postmodern approach to psychotherapy*. Basic Books.

Andolfi, M. (1995). La formazione come processo di crescita personale del terapeuta. *Ecologia della Mente, 18*(1), 15-28.

Arcelloni, T., & Ferrero, G. (2008). Il duogramma nella formazione sistemica. I terapeuti e le loro relazioni di coppia. *Terapia Familiare, 87*, 5-27.

Arcelloni, T., & Ferrero, G. (2009). El duograma en la formación sistémica. Los terapeutas y sus relaciones de pareja. *Psicoperspectivas, 8*(1), 195-230. https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol8-Issue1-fulltext-76

Arcelloni, T., & Ferrero, G. (2023). O duograma – o terapeuta nos casais da sua vida. In D. D. Damo & L. Vinagre (Orgs.), *O self do terapeuta: a cartografia dos tesouros escondidos no terapeuta* (pp. 165-192). Artesã.

Arcelloni, T., & Rosas, H. R. (2024). *Psicoterapia sistêmica de casal: mesmo enfoque, diferentes perspectivas clínicas*. Artesã.

Bateson, G. (1976). *Verso un'ecologia della mente* (G. Longo, Trad.). Adelphi.

Boscolo, L., & Bertrando, P. (1993). *I tempi del tempo: una prospettiva sistemica alla complessità clinica*. Raffaello Cortina.

Bowen, M. (1972). On the differentiation of self. In J. L. Framo (Orgs.), *Family therapy in clinical practice* (pp. 111-173). Jason Aronson.

Bruner, J. (1992). *La ricerca del significato* (C. M. Galimberti, Trad.). Bollati Boringhieri.

Byng-Hall, J. (1985). The family script: a useful bridge between theory and practice. *Journal of Family Therapy, 7*(3), 301-305. https://doi.org/10.1046/j..1985.00688.x

Canetti, E. (1981). *Massa e potere* (F. Jesi, Trad.). Adelphi.

Cecchin, G. (1987). Hypothesizing, circularity, and neutrality revisited: an invitation to curiosity. *Family Process, 26*(4), 405-413. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1987.00405.x

Cecchin, G., Lane, G., & Ray, W. A. (1994). From prejudice to theory: reflections on therapist's stances. *Systemic Practice and Action Research, 7*(6), 667-675.

Cecchin, G., Lane, G., & Ray, W. A. (1997). *Verità e pregiudizio: un'epistemologia per la clinica.* Raffaello Cortina.

Danure, I., & Borcsa, M. (A cura di). (2022). *Il genogramma nella pratica sistemica contemporanea*. FrancoAngeli.

Formenti, L. (1995). *Pianeti invisibili: formazione e ricerca sistemica*. Raffaello Cortina.

Fruggeri, L. (2020). *Politiche della quotidianità: relazioni e processi nei contesti familiari.* Unicopli.

Gergen, K. J. (1994). *Realities and relationships: soundings in social construction.* Harvard University Press.

Gómez Lamont, M. F., & Bermúdez, J. M. (2023). *La terapia familiar sistémica y el pensamiento de tercer orden.* Editorial LEED.

Liccione, D. (2023). *Identità e orientamenti sessuali: elementi di lavoro clinico affermativo.* Bollati Boringhieri.

Liddle, H. A., Breunlin, D. C., & Schwartz, R. C. (Orgs.). (1988). *Handbook of family therapy training and supervision.* Guilford Press.

Lieberman, S. (1979). *Transgenerational family therapy.* Croom Helm.

Lomelí Aquino, E. (2025). *Terapia sistémica relacional no monógama: parejas, triejas y películas.* Fundación Vivir en Armonía.

McGoldrick, M., & Gerson, R. (1985). *Genograms in family assessment.* W. W. Norton & Company.

McNamee, S., & Gergen, K. J. (A cura di). (1998). *La terapia come costruzione sociale* (M. Castiglioni, Trad.). FrancoAngeli.

Schön, D. A. (1993). *Il professionista riflessivo: per una nuova epistemologia della pratica professionale* (A. Barbanente, Trad.). Dedalo.

Sluzki, C. E. (1991). Trasformazioni narrative: processi di consulenza e terapia di famiglia. *Terapia Familiare, 37*, 5-18.

Sorrentino, A. M. (1995). *Figli disabili.* Raffaello Cortina.

Tomm, K. (1988). Interventive interviewing: part III. Intending to ask lineal, circular, strategic, or reflexive questions? *Family Process, 27*(1), 1-15. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1988.00001.x

Vassallo, B. (2022). *Per una rivoluzione degli affetti: pensiero monogamo e terrore poliamoroso.* Edizioni Humus.

Walsh, F. (Org.). (1993). *Normal family processes* (2nd ed.). Guilford.

White, M., & Epston, D. (1992). *Mezzi narrativi per fini terapeutici* (M. A. Ferretti, Trad.). Astrolabio.